

O NARRADOR EM JORGE LUIS BORGES: INTERFACES DO LEITOR

THE NARRATOR IN JORGE LUÍS BORGES: INTERFACES OF THE READER

Genival MOTA (PG - UEMS)

Danglei de Castro PEREIRA (UEMS)

RESUMO: O artigo discute o conto “A Biblioteca de Babel”, de autoria de Jorge Luis Borges, compreendendo a metalinguagem, enquanto marca linguística da figura do narratário na obra do autor argentino. Valoriza os mecanismos diegéticos constitutivos da linguagem em Borges e verifica em que medida o texto borgiano discute a relação entre narrador, narratário e formação de leitores por meio da literatura. A ideia central é verificar o papel do livro na ficção borgiana em um processo de criação literária, fato que conduz a importância da metalinguagem como fio condutor da obra de Jorge Luís Borges. O trabalho procura identificar, também, a relação que o narrador estabelece com o narratário no interior do conto em discussão e, de que maneira este diálogo contribui para a importância dada à leitura no texto borgiano.

Palavras-chave: Borges, leitor, leitura, narrativa, narrador.

ABSTRACT: The article discusses the story "The Library of Babel", of responsibility of Jorge Luís Borges in the search of the metalinguistic, while it marks linguistics of the illustration in the argentinean author's work. It values the mechanisms constituent diegéticos of the language in Borges and it verifies in that measured the text borgiano the relationship discusses among narrator, “narratário” and readers' formation by means of the literature. The central idea is to verify the paper of the book in the ficção borgiana in a process of literary creation, fact that drives the importance of the metalinguagem as conductive thread of Jorge Luís Borges work. The work tries to identify, also, the relationship that the narrator establishes with the “narratário” inside the story in discussion and, that way this dialogue contributes to the importance given to the reading in the text borgiano.

Keywords: Borges, reader, reading, narrative, narrator.

1. Introdução

Nosso estudo tem por *corpus* o conto “A biblioteca de Babel” e discute a relação entre narrador e narratário na ficção de Jorge Luís Borges. O artigo aborda a relação que o narrador do conto estabelece com o narratário e como esta mediação implica em metalinguagem na obra do autor argentino. O conto “A Biblioteca de Babel” descreve uma realidade em que o mundo é constituído por uma biblioteca infinita em uma espécie de acervo inumerável e infinito. O narrador é um de seus bibliotecários e acredita que os volumes da biblioteca abarcam todas as possibilidades da realidade possível e por meio de imagens e mensagens ocultas nas obras da biblioteca busca compreender a natureza contraditória de sua constituição humana.

Existem vários enigmas apresentados ao longo do conto como, por exemplo, a existência de Livros escritos em línguas extintas; de volumes que não justificam sua existência; de obras

constituídas pela repetição de uma única palavra ou cifradas em dialetos irreconhecíveis, entre outros enigmas. Destas ambiguidades o conto apresenta a metáfora da Babel e a partir dela a reflexão de que todas as informações contidas nas obras da biblioteca caberiam em um único volume, indica uma das principais inquietações do narrador do conto: identificar ou compreender as mensagens cifradas nos muitos livros da biblioteca como espaço de formação ontológica.

Ao abordar a relação entre narrador e narratário como uma possibilidade de leitura para o conto de Borges; acreditamos refletir sobre a construção de sua produção ficcional, entendida, por isso, como metalinguística. Antes de focalizarmos este aspecto, faremos comentários sobre os conceitos da teoria da narrativa para, posteriormente, aplica-los ao conto em estudo.

2. Conceitos sobre a narrativa

Reis e Lopes (1988 p.66) compreendem que as narrativas literárias são “de índole ficcional, estruturadas pela ativação de códigos e signos predominantes, realizados em diversos gêneros narrativos e procurando cumprir as variadas funções socioculturais atribuídas em diferentes épocas às práticas artísticas”. Para os autores (1988):

o tempo da história constitui um domínio de análise em princípio menos problemático do que o tempo do discurso. Ele refere-se, em primeira instância, ao tempo matemático propriamente dito, sucessão cronológica de eventos suscetíveis de serem datados com maior ou menor rigor. Por vezes, o narrador explicita os marcos temporais que enquadram a sua história. (REIS E LOPES, 1988, p.220)

No tempo do discurso, no entanto, encontramos movimentos anacrônicos com alteração da ordem dos eventos da história por meio da intervenção do narrador no momento de representação pelo discurso. O recurso da anacronia constitui um dos domínios da organização temporal da narrativa e ressalta a capacidade e habilidade do narrador em conduzir o tempo diegético na organização de seu discurso, modulando, com isso, aspectos significativos veiculados na narrativa. Outro elemento essencial da diegese é o espaço. Fictício ou não, o espaço onde a narrativa se desenvolve é sempre concebido como se fosse real – plausível e verossímil - na perspectiva narrativa.

Jorge Luis Borges, objeto desta pesquisa, cria no conto “A biblioteca de Babel” um espaço diegético que desafia tempo e espaço por meio de procedimentos narrativos que em muito dialogam tensivamente com o espaço real/plausível e o tempo cronológico. Reis e Lopes (1988) esclarecem que

uma das categorias da narrativa que mais decisivamente interferem na representação do espaço é a perspectiva narrativa. Quer quando o narrador onisciente prefere uma visão panorâmica, quer quando se limita a uma descrição exterior e rigorosamente objetual, quer sobretudo quando ativa a focalização interna de uma personagem, é obvio que o espaço des-

critério se encontra fortemente condicionado, na imagem que dele é facultada, por esse critério de representação adotado... Outra característica da narrativa com a qual o espaço estreitamente se articula é o tempo. Submetido à dinâmica temporal que caracteriza a narrativa, o espaço é duplamente afetado... A partir daqui, aprofundam-se consideravelmente as relações espaço/tempo na narrativa. (REIS E LOPES, 1988, PP.206 e 207)

Entendido, na aresta das colocações de Reis e Lopes (1988), como ser fictício que toma a palavra e narra acontecimentos circunscritos em uma diegese; o narrador dá vida a personagens, ainda seguindo o raciocínio dos críticos, seres ficcionais que vivenciam de forma verossímil ou não a diegese. As personagens resultam, então, de intervenções narrativas que permeiam a realidade pragmática apresentada como contraponto ao mundo diegético plausível e verossímil ao se constituem como elementos de ficção, de invenção.

Portanto a construção de personagens implica apreensão de aspectos da diegese, organizada em um enredo ou universo de relato, situado em um determinado tempo e lugar. Este percurso, mediado por um ponto de enunciação, exige a presença de um narrador. É o narrador o agente diegético responsável pela organização formal da diegese. Entendemos como narrativa, pensando novamente nas colocações de Reis e Lopes (1988), um discurso que nos leva a imaginar um mundo ficcionalizado – verossímil ou não –, no qual se percebe o diálogo profundo com elementos culturais em um dado recorte temporal, situado em um espaço, vivido por personagens e organizado em uma estrutura preestabelecida.

A narrativa, por isso, se constitui como fenômeno dinâmico e articulado pelo discurso em uma interação direta com o tempo histórico E o enredo¹ dá a dimensão do universo representado. Reis e Lopes (1988) comentam que a intriga ou conflito pode ser gerado por personagens, acontecimentos, ambiente, emoções ou ideias que provocam oposição e acabam organizando os fatos da narrativa de forma a prender a atenção dos leitores.

Os teóricos (1988) afirmam que com a história presente na narrativa, acontece uma evocação da realidade, de acontecimentos e de personagens, e que pode ser relatada de diferentes maneiras. O discurso é a forma pela qual o narrador nos faz conhecer esses acontecimentos e que, portanto, se relaciona com o processo de enunciação, entendida como ponto de partida para o foco narrativo em uma perspectiva individual e ideológica. As vivências diegéticas de personagens na intri-

¹ Conceito elaborado pelos formalistas russos e definido por oposição entre a fábula e a trama: a intriga corresponde a um plano de organização macroestrutural do texto narrativo e se caracteriza pela apresentação dos eventos segundo determinadas estratégias discursivas já especificamente literárias. Nesta acepção, pode-se dizer que a intriga comporta motivos livres que traduzem digressões subsidiárias relativamente à progressão ordenada da história, e derroga frequentemente a ordem lógico-temporal, operando desvios intencionais que apelam para a cooperação interpretativa do leitor. Ao elaborar esteticamente os elementos da fábula, a intriga provoca a “desfamiliarização”, o estranhamento, chamando a atenção do leitor para a percepção de uma forma. (REIS E LOPES, 1988, p. 211-212).

ga só chegam ao leitor por intermédio do discurso narrativo que, por sua vez, é organizado linguisticamente em uma trama materializada em discurso.

Reis e Lopes (1988, p.29), destacam que “de fato, o discurso narrativo é um produto do ato de enunciação de um narrador e dirige-se, explicita ou implicitamente, a um narratário, termo necessário de recepção da mensagem narrativa”. No texto literário o narrador assume o papel de locutor, responsável pelo processo de enunciação, e o narratário, ainda na concepção dos críticos (1988) como uma imagem diegética do destinatário da mensagem proferida pelo narrador. É, portanto, na enunciação que os agentes do discurso da narrativa, narrador e narratário se situam e estabelecem um diálogo através do qual se desenvolve o percurso narrativo, entendido como resultante das vivências diegéticas dos personagens em uma intriga.

Com seu estilo fragmentado, Borges no conto “A Biblioteca de Babel” aponta um labirinto de palavras e imagens cifradas pelo discurso da narrativa. Como que pintando um mosaico em que funde e distancia ficção e realidade, os narradores de Borges estabelecem um diálogo com os valores da cultura, tendo como epicentro a imagem do livro.

Wellek e Warren (1971) abordam a dinâmica do material da narrativa como resultado de uma materialidade linguística uma vez que

a linguagem é o material da literatura, tal como a pedra ou o bronze são da escultura, as tintas da pintura, os sons da música. Mas a linguagem não é uma matéria inerte como a pedra, e sim uma criação do homem, cheia de herança cultural de um grupo lingüístico [...] As principais distinções a estabelecer devem destacar o uso literário, o uso diário e o uso científico da linguagem. (WELLEK E WARREN, 1971, P.22)

A narrativa, neste contexto, transmite informações através de uma estrutura específica, tendo como veículo a linguagem oral ou escrita. O narrador é seletivo em relação a fatos e palavras; ferramentas que utiliza ao levar o leitor a pensar a ficção como projeção de uma realidade plausível, porém ficcionalizada.

O narrador é a voz que enuncia o texto, “é quem conta a história”. Entidade fictícia, criada pelo autor com o papel de ser o emissor do discurso e que não deve ser confundido com o autor da obra. Realidade e mundo empírico constituem o universo do autor; narrador, narratário e as personagens são seres virtuais, restritos ao texto.

De acordo com Reis e Lopes (1988)

A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor, entidade não raro suscetível de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa. (REIS E LOPES, 1988, P.61)

No ensaio “O narrador”, Walter Benjamin (1987) fala da tradição narrativa fundada na oralidade; em que a presença física do narrador provocava sempre uma expectativa de novas histórias ou de repetições das narrativas que marcavam várias gerações. O crítico afirma que os melhores narradores são aqueles que se aproximam das histórias que eram contadas oralmente.

A experiência que passou de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes estes dois grupos. “Quem viaja tem muito o que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIM, 1987, P.198)

Com o advento do romance através da invenção da imprensa, Benjamin diz que aconteceu uma mudança radical na arte de narrar. Não há mais a figura física do narrador, mas sim a voz solitária que surge do livro.

Há variedades de narradores. O narrador testemunha, que narra os fatos como estando na periferia da trama. O narrador protagonista, narra sua própria diegese. Tecnicamente Reis e Lopes (1988), apresentam três tipos de narradores:

A expressão narrador autodiegético, introduzida nos estudos narratológicos por Genette (1972), designa a entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa específica: aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história... o narrador autodiegético aparece então como entidade colocada num tempo ulterior em relação à história que relata, entendida como conjunto de eventos concluídos e inteiramente conhecidos... A opção por uma focalização interna ou por uma focalização onisciente relaciona-se, pois, com uma certa imagem privilegiada pelo narrador. (REIS e LOPES, 1988, p. 118-119)

Os autores do Dicionário de Teoria Narrativa definem narrador heterodiegético como aquele que

relata uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão... Na tradição ocidental, o narrador heterodiegético constitui uma entidade largamente privilegiada, nos planos quantitativos e qualitativos, coincidindo o recurso a semelhante tipo de narrador com alguns dos mais salientes momentos da história do romance... Em certa medida, por força das características descritas, reforçadas pelo fato de muitas vezes o narrador heterodiegético se situar num nível extradiegético e pelo anonimato que quase sempre o atinge, esta situação narrativa favorece a confusão do narrador com o autor. (REIS E LOPES, 1988, p. 121 e 122).

já o narrador homodiegético é definido por Reis e Lopes (1988) nos seguintes termos:

entidade que veicula informações advindas da sua própria experiência diegética; quer isto dizer que, tendo vivido a história como personagem, o narrador retirou daí as informações de que carece para construir o seu relato, assim se distinguindo no narrador heterodiegético, na medida em que este último não se dispõe de um conhecimento direto. Por outro lado, embora funcionalmente se assemelhe ao narrador autodiegético, o narrador homodiegético difere dele por ter participado na história não como protagonista, mas como figura cujo destaque pode ir da posição de simples testemunha imparcial a personagem secundária estreitamente solidária com a central. (REIS E LOPES, 1988, p. 124).

A voz narrativa dá um forte indicativo do tipo de narrador na história. Quando o narrador utiliza a primeira pessoa do discurso pode ficar caracterizado como narrador que participa da diegese; o narrador que faz uso da terceira pessoa do discurso pode ser classificado como narrador observador, porque fica evidente o seu distanciamento da história que está narrando.

Feitas as considerações preliminares, passamos a discussão de nosso objeto de análise: o conto “A biblioteca de Babel”, de Jorge Luís Borges.

3. Narrador e narratário: duas faces em diálogo

No conto de Borges o enunciador do discurso é autodiegético, uma vez que o narrador é personagem central da trama. Caracterizado como um dos muitos bibliotecários o narrador acredita que os volumes da biblioteca abarcam todas as possibilidades da realidade: “como todos os homens da Biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei em busca de um livro, talvez do catálogo de catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer; a poucas léguas do hexágono em que nasci” (BORGES, 2000, p.516).

Borges, na construção deste conto, indica um labirinto de palavras e imagens cifradas pelo discurso como resultado das inúmeras obras que compõe a biblioteca. A imagem especular que aparece no interior do conto é ilustrativa para os processos inventivos apresentados como elementos de construção da trama do conto. No conto em estudo, a linguagem é erudita que flerta com o irônico:

No vestibulo há um espelho, que fielmente duplica as aparências. Os homens costumam inferir desse espelho que a Biblioteca não é infinita (se o fosse realmente, para quê essa duplicação ilusória?), prefiro sonhar que as superfícies polidas representam e prometem o infinito. (BORGES, 2000, p.516)

O conto sugere a ideia de uma biblioteca infinita contraposta a uma possibilidade de limitação, de finitude por meio da imagem especular apresentada no conto. A presença do “espelho” e do “sonho” pressupõe a indicação de que se trata de uma “biblioteca infinita” em uma perspectiva ficcional o que denuncia a ambiguidade dos limites físicos da biblioteca.

Entendida como metáfora do infinito a “Biblioteca de Babel” requer do leitor a capaci-

dade de identificar signos implícitos nos muitos livros que constituem esta biblioteca. Diferentemente da narrativa oral em que os valores significativos são mediados pelo narrador de maneira imediata, provocando, em alguns casos, a intervenção direta ao discurso proferido; o texto escrito possibilita ao leitor um horizonte novo, agora marcado pelo silêncio enunciativo e pelo diálogo com inferências ou marcas discursivas deixadas como pistas pelos narradores. Independente do tema abordado ou pela linguagem utilizada, todo texto procura um tipo de leitor estabelecido pela dinâmica interna do discurso proferido. Este leitor projetado no ato da escrita indica um espaço dialético inicial ao discurso literário e, nesse espaço, o texto confere ao leitor a imagem do narratário, projeção individual do leitor projetado pelo narrador no ato da escrita.

Para Jouve (2002), “o receptor é ao mesmo tempo o leitor real, cujos traços psicológicos, sociológicos e culturais podem variar infinitamente, e uma figura abstrata postulada pelo narrador pelo simples fato de todo texto dirigir-se necessariamente a alguém”. Esta imagem “postulada” é compreendida como “narratário”, entidade de linguagem que dialoga com o narrador no ato de enunciação. É preciso, então, não confundir leitor real – homem que lê o texto – e narratário – imagem enunciativa projetada para este leitor – em uma dualidade semelhante àquela estabelecida entre narrador e autor.

Jouve (2002) entende que “o que diz e do modo como diz, um texto supõe sempre um tipo de leitor – um “narratário” – relativamente definido”. Reis e Lopes (1988) são enfáticos ao tratar do narratário.

O sentido primeiro em que aqui se define o conceito de leitor é correlativo e distintivo. Correlativo, porque o leitor real coloca-se no mesmo plano funcional e ontológico que o autor empírico; distintivo, porque o leitor real se reveste de contornos bem definidos relativamente ao narratário, ao leitor virtual ou ao leitor ideal. Deste modo, “o leitor empírico, ou real, identifica-se, em termos semióticos, com o receptor; o destinatário, enquanto leitor ideal, não funciona, em termos semióticos, como receptor do texto, mas antes como um elemento com relevância na estruturação do próprio texto. Todavia, o leitor ideal nunca pode ser configurado ou construído pelo emissor com autonomia absoluta em relação aos virtuais leitores empíricos contemporâneos, mesmo quando sua construção se projeta um desígnio de ruptura radical com a maioria desses mesmos presumíveis leitores contemporâneos. (REIS E LOPES, 1988, p.51)

O que se conclui é que o narratário, mencionado ou não, existe e sempre esta presente. O leitor virtual seria a idéia de leitor que o autor tem em mente ao criar a obra; imagina qualidades, capacidades, preferências e opiniões específicas desse possível leitor de uma relação direta com o homem que objetivamente lê o texto. O narratário existe de fato na estrutura do texto e é com ele que o narrador dialoga em seu percurso diegético.

Infere-se que o leitor ideal seria aquele que o autor imagina como capaz de compreender

todos os detalhes das mensagens que pretende passar no seu texto. Poderíamos dizer que todo autor sonha com um leitor cúmplice e conivente com todos seus objetivos e devaneios ao passo que o narratário pode ser uma imagem conflituosa face ao leitor ideal, por isso, pressupõe um percurso dialético à construção dos enunciados na diegese, fato que dá ao narratário uma função significativa e, por vezes, oportuniza uma aproximação ao leitor ideal ou uma contradição a este perfil.

No Prólogo do livro *História universal da infâmia* Borges (2000, p.313) trata a relação entre escritor e leitor de forma a comentar que tanto o leitor quanto o autor tem papel importante na produção de sentido em um determinado texto literário, uma vez que estas entidades são próximas e “às vezes creio que os bons leitores são cisnes ainda mais tenebrosos e singulares que os bons autores (...) Ler, entretanto, é uma atividade posterior à de escrever: mais resignada, mais civil, mais intelectual”.

Pensar a leitura em uma perspectiva dialética – narrador e narratário – como possível proporciona a compreensão da ficção de Borges como espaço de reflexão metalinguística, na qual leitor e autor encontram pontos de contato na construção do literário, projetados no narrador e no narratário. Neste espaço dialético a mensagem artística encontra ressonância por meio da mediação reflexiva provocada pela leitura.

4. Metalinguagem: caminho ficcional em Jorge Luís Borges

No estudo sobre as funções da linguagem, Jakobson (1982, p.127) considera função metalinguística quando a linguagem fala da linguagem, voltando-se para si mesma: “Sempre que o remetente e/ou o destinatário tem necessidade de verificar se estão usando o mesmo código, o discurso focaliza o código; desempenha uma função **metalinguística**”.

Quando a literatura toma a si mesma como objeto, acontece a metalinguagem literária. No ato da leitura, o texto promove uma interação entre narrador e leitor (narratário). Esta relação constrói no universo diegético o que podemos chamar de possibilidades de leitura. Nesta relação dialética o conhecimento prévio de quem lê é imprescindível na interação com a construção de sentido produzido pela diegese. O leitor, projetado na figura contraditória do narratário, é capaz de inferir informações que não foram ditas de forma imediata na diegese, antes sugeridas pelo encadeamento discursivo do texto e, por meio de interferências, colaborar na compreensão mais ampla do texto que lê.

Conforme Samira Chalub (1988, p.15), o que um emissor ou receptor for capaz de organizar, relacionar, criar ou perceber enquanto novas formas de combinação, diz respeito à bagagem teórica ou cultural não só do leitor, mas da estrutura diegética mobiliada em um determinado

texto, por isso, sempre em diálogo como outros textos.

A viabilidade ou relatividade do repertório – que, grosso modo, podemos conceituar como sendo o “arquivo cultural” de cada um de nós – implica uma relação dialética entre repertório e informação. Se uma mensagem organiza-se de modo a provocar reconhecimento de conceitos e formas já adquiridas pelo receptor porque fazem parte do senso comum da cultura, o público se amplia, na medida em que este conhecido repele o novo e traz à tona o velho (CHALUB, 1988, p.15).

Nosso corpus desse trabalho, o conto a “Biblioteca de Babel”, de Borges constitui um espaço específico da reflexão dialética entre texto e sentido auferido no ato de leitura. O escritor argentino recupera na metáfora da “torre de Babel” o espaço dialético para a construção de sua Biblioteca. A nomenclatura do conto já é um processo de metalinguagem ao perpassar a ideia de uma narrativa circular que se coloca como infinita na alusão a heterogeneidade de obras que a compõe e, sobretudo, pela indicação de uma obra circular e sintética que iconiza o conhecimento humano acumulado por meio da materialidade discursivo: ironicamente os inúmeros livros incompreendidos de sua biblioteca.

Retomando a questão teórica da metalinguagem no processo narrativo, o texto estabelece uma interação entre narrador e leitor, e requer deste um papel ativo. Nessa relação podemos falar em possibilidades de leitura, já que o conhecimento prévio de quem lê é que vai determinar a produção de sentido a partir do texto e das relações intertextuais por ele reclamadas. As possibilidades de leitura acontecem em consequência de um contínuo preenchimento de brechas que aparecem dentro do texto em sua relação com a tradição, oportunizadas por sua organização interna. Uma leitura proficiente é capaz de inferir informações do texto e relacioná-las a outros discursos silenciados pelo texto lido. Cada livro da “Babel” de Borges contribui, por isso, para o entendimento da complexidade do ato de leitura, entendido como dialético na construção do texto em discussão.

Uma das manifestações deste percurso dialético é a presença dos diálogos entre textos. A metalinguagem é a referência direta ou indireta a outros textos em um percurso diegético. Sobre isso Savioli e Fiorin (1995) afirmam:

num texto literário, a citação de outros textos é implícita, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra donde retira as passagens citadas, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito das obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para compreensão global de um texto. A essa citação de um texto por outro, a esse diálogo entre textos dá-se o nome de intertextualidade. (PLATÃO E FIORIN, 1995, p.19).

E é a partir de um estilo fragmentado e sintético, quase como um mosaico, que os narradores de Borges constroem o diálogo com os valores culturais, sempre centrados na imagem do

livro. Concluimos, mesmo que preliminarmente, que para este autor escrever é apropriar-se individualmente de leituras realizadas anteriormente pelo leitor. Dialogar com a tradição na busca por intromissões significativas nesta tradição é um dos papéis da “Babel”, Borges que, por isso, reúne diferentes tomos em seu universo “infinito”.

Reunir e organizar textos alheios numa nova combinação, reordenando a tradição, para apresentá-la em uma nova roupagem, em novos sentidos parece ser o objeto temático do conto “A biblioteca de Babel”, de Jorge Luís Borges.

5. Considerações finais

Procuramos mostrar ao longo das discussões deste artigo que a presença a relação entre narrador e narratário é aspecto importante na construção do conto “A biblioteca de Babel”, de Jorge Luís Borges. Chegamos a ideia de que a “Babel” de Borges dialoga tensivamente com a necessidade de participação ativa do leitor no processo de construção de sentidos no literário e, por isso, que um dos caminhos deste processo é a presença dos diálogos intertextuais e da metalinguagem.

O objetivo desse artigo foi discutir como a figura do narratário é importante na construção da metáfora da “A Biblioteca de Babel” em Borges e, apontar, mesmo que sucintamente, que esta biblioteca é uma imagem das relações dialéticas entre narrador e narratário, a metalinguagem e a intertextualidade no interior do conto de Borges. Fica evidente, no entanto, que as relações diegéticas entre o narrador e o narratário é importante na construção ficcional do autor argentino, objeto temático a ser ampliado em nossa dissertação de mestrado, trabalho do qual este estudo é um recorte.

Referências

- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política* (obras escolhidas I). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BORGES, Jorge Luís. *Ficções*. In *Obras Completas* (vol. I). São Paulo: Globo, 1999, p. 516-523.
- CHALHUB, Samira. *A meta-linguagem*. São Paulo. Ática, 1988.
- JAKBSON, Roman. *Linguística e Poética*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- JOUVE, Vicent. *A leitura*. Trad. Brigitte hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- PLATÃO SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. *Para Entender o Texto: Leitura e Redação*. São Paulo: Ática, 1995.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

REVELL - Revista de Estudos Literários da UEMS - ANO 5, v.1, Número 8 - TEMÁTICO

“Questões em torno do marginal: entre a tradição e a inovação”

ISSN: 2179-4456

Julho de 2014

WELLEK, René; WAREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.